

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Estamos em Cotonu, dia 18.10.1995, entrevista com Monsenhor Isidore de Souza. Monsenhor, passados 28 anos, só agora temos um Chachá, o Chachá VIII. Bom, o que isso muda para a família De Souza?

ISIDORE DE SOUZA - O Chachá é o chefe da grande família De Souza. Essa grande família une descendentes do 1º Chachá Francisco de Souza, que veio da Bahia. Ele teve eu não sei mais quantos filhos, e, a princípio, todos aqueles que têm o nome De Souza descendem diretamente ou indiretamente deles. Todos aqueles que têm o nome o carregam não porque eles têm um laço de sangue com ele, mas porque foram escravos ou descendentes de escravos de Francisco de Souza ou de seus filhos.

MG - Atualmente, nós podemos saber quem é descendente de Chachá e quem é de um escravo?

IS - Eu penso que nem vale a pena procurar saber isso. Porque isso vai nos levar a coisas... Eu não busco nem mesmo saber isso, isso não me interessa. Porque, para mim, a escravidão não foi uma coisa feliz, por consequência, é inútil aprofundar o bastão na ferida. Eu prefiro ignorar isso. Não ignorar voluntariamente, eu sei, mas eu quero esquecer isso.

MG - Não, pense no grosso e deixe de lado os detalhes.

IS - Se alguém se chama De Souza, tem uma ligação, que seja de sangue ou que seja um laço de dependência, isso não tem importância nenhuma para mim, eu o considero como um irmão. E durante muito tempo, depois da morte de Norberto de Souza, colocamos um tempo para eleger outro Chachá. Conseguimos eleger um, era Jerôme de Souza, e depois da morte de Jerôme, não teve mais Chachá, tem sempre alguém que assegura a regência. E como eu tinha dito na ocasião da missa de entronização, tínhamos designado um *Togan*¹ de Grande Popô, Julien de Souza, e que antes de ser entronizado foi assassinado por alguém que acabava de roubar o dinheiro dele. Então, procuramos o responsável e encontramos. Para mim (???)² o Chachá, a concepção que fazemos da família, não é pai, mãe, filho. São todos aqueles que se sentem ligados com um ancestral. Também, entre os De Souza, tem diferentes ramos. Também eu sou do ramo de José Estelle de Souza. José é um dos filhos de Francisco de Souza. Estelle é meu *papa*, meu *papa* é filho de José e José é filho de François, Chico, Francisco.

MG - Que é o Chachá I.

IS - O Chachá I.

¹ Termo africano, não foi encontrado tradução.

² Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - Fazem três gerações, 150 anos.

IS - Sim. Então, depois, tem outros que vão assinar Julião, ou bem, Mitô, ele é da descendência de Julião, etc. Então, outro filho de Chachá. Temos necessidade de alguém que simbolize a unidade desse conjunto de membros da família De Souza, tem em Cotonu, de fato no Benim, no Togo, na Nigéria, em Gana, são os mesmos, tem De Souza em Dakar [no Senegal], porque meu irmão vive em Dakar, ele casou com uma beninense, certo, mas ele vive em Dakar, ele fez filhos, seus filhos nunca vieram aqui. E ele está aposentado, é meu irmão mais velho, e ele deve ter 70 anos, ou 72 anos. Minha irmã está em Abidjan, ela casou com um marfinense [da Costa do Marfim] branco, seus filhos são também de uma forma descendentes de. É preciso que alguém simbolize a unidade de tudo isso. E é o que eu disse nas palavras que pronunciei durante a missa. Então, para mim, é preciso unificar tudo isso. O papel é muito importante. Porque é uma grande família e nós não nos conhecemos todos, tem alguns que eu não conheço. Têm sobrinhos que estão em Dakar. Mesmo sem falar de Dakar, tem sobrinhos que estão em Lomé e eu não conheço. Eu não vivi em Lomé, eu vivi aqui. É preciso que alguém seja o símbolo disso e provoque encontros, reencontros entre os diferentes membros, é preciso que nos conheçamos e mesmo, eu digo, mas, visto nosso número, nós devemos poder, nos colocando juntos, ter certo dinamismo para o desenvolvimento do país, não unicamente de nossa família. Então, para mim, é o símbolo, o signo da vontade de viver junto de todos aqueles que se sentem descendentes de Francisco de Souza.

MG - O senhor tocou em um ponto muito importante, porque para dizer a verdade, bom, o Chachá, ele é o chefe da família, e ele é também o vice-rei de Uidá, ele representa o rei de Abomé, ele partiu para Abomé para um encontro, tudo isso, é a história. Eu escutei que é o chefe da família De Souza que resolve os problemas familiares no bairro Brasil. Eu cheguei um dia em Singbomey e tinha um tribunal familiar, eu assisti um pouco, eu não entendi tudo, mas assim mesmo eu compreendi alguma palavra e eu perguntei, esses são De Souza? “Ah, não, são as pessoas do bairro Brasil, e é nosso antepassado que lhes deu o terreno, etc. Então, os conflitos vêm aqui e somos nós que temos que julgar”. Então, isso já ultrapassa a família De Souza.

IS - Isso ultrapassa a família De Souza, como acontece com as responsabilidades religiosas, a religião tradicional. O Hounon, em Uidá, isso não é somente um símbolo, é o chefe de...

MG - Daagbo Hounon.

IS - Daagbo Hounon.

MG - Ele estava lá durante vossa missa.

IS - Daagbo Hounon pode dizer a todos os chefes religiosos que dependem dele: “Nas próximas eleições, eu quero que você vote em fulano”. Aqueles que estão sob sua autoridade, normalmente eles devem votar naquele lá.

MG - E a autoridade de Chachá ultrapassa a autoridade de Hounon?

IS - Isso, aí, o exemplo que eu pego não concerne Chachá. Diz respeito a Daagbo Hounon. Mas o Chacha não pode agora dar consignas de voto a quem quer que seja na família. Não, tem um papel de árbitro para os litígios de menor importância e tem certo... Então o papel do Chachá, isso se restringe unicamente à família. Bom, sendo dado que ele era, no tempo do rei de Abomé, o 1º Chachá, era um vice-rei de Uidá, e tinha sob seu domínio o bairro Brasil. Hoje, o que isso representa?

MG - Quinze mil pessoas.

IS - Sim, eu não sei se isso representa efetivamente, efetivamente eu não sei. Com o vento da democracia, com a independência, os jovens, vis-à-vis de Chachá, aí, bom... Quando eu era jovem, eu assisti a vários julgamentos. Mitô, Norberto de Souza...

MG - Eu, eu não sou fô, mas eu assisti a uma cerimônia em Singbomey, e um chefe de família de Uidá, perto do bairro Brasil, foi lá e foi Mitô que lhe distribuiu sua pena e o colocou em sua poltrona de chefe de família.

IS - Isso deve ser uma família que tem uma dependência.

MG - E eu me pergunto quantas famílias tem? Quase todas as famílias de Uidá. E agora tem um Mitô, todo mundo quer se apresentar ao Mitô, isso se traduz como uma autoridade moral.

IS - Sim, para mim, é uma autoridade moral. Mas ele não tem jurisdição e as decisões que ele toma, bom, aceite quem quiser.

MG - O senhor disse que visto o número de pessoas da família, e a importância que ela tem na vida do Benim e do Togo, ela poderia mesmo ajudar a desenvolver o país. Como isso?

IS - Primeiro, tendo o espírito de família, e desenvolvendo a solidariedade e ter suficientemente confiança uns nos outros para, por exemplo, aceitar ter uma participação em uma sociedade, em uma pequena empresa, ou bem, em uma empresa média, ter participação em uma empresa familiar. É possível. Mas para isso, é preciso que haja um chefe.

MG - Bom, o senhor escolheu muito bem e o Sr. Honoré é alguém de muito sucesso em seus negócios.

IS - Sim, mas é preciso que os outros reconheçam sua autoridade moral e aceitem que ele seja o líder.

MG - Ele vem do ramo Julião (???), é um ramo um pouco particular, porque é o único Chachá que foi executado pelo rei de Abomé. E esse Chachá aí, ele coloca um problema muito grave, porque ele foi executado porque ele negociou um contrato de protetorado com o Portugal, e eu não consigo encontrar esse contrato nas informações. O senhor conhece um pouco dessa história?

IS - Hum! Hum! O senhor leu o livro de Simone?

MG - Sim. Eu tive, não tem alguma coisa aí dentro? Um parágrafo que é isso. Eu queria conhecer um pouco mais. Sobretudo o ramo de Julião. Ele está fora de Singbomey há gerações e desde Chachá IV. Mito, mesmo, ele nasceu em Grande Popô. Eles fugiram todos, euh.

IS - Eu, meu *papa* não estava em Singbomey. Meu pai, meu avô, o filho de Francisco, é isso (???)³.

MG - Sim, eu entendo.

IS - Mas...

MG - Julião, ele estava em Singbomey.

IS - Sim.

MG - Depois eles partiram, tiveram histórias, Simone fala um pouco disso. Mas o que eu queria conhecer um pouco mais é o protetorado, porque o protetorado...

IS - Eu não tenho nenhuma ideia nesse nível, admito minha ignorância.

MG - Bom, eu não posso tomar muito o tempo do senhor. Eu gostaria ainda de colocar uma questão para o senhor, a respeito dessa relação entre os De Souza e ser agudá aqui. Bom, os brasileiros são conhecidos como agudás, aqueles que têm as maneiras dos brancos. Agora, isso não existe mais, porque todo mundo tem, de uma maneira ou de outra, os modos dos brancos. Então, o que quer dizer agudá hoje? O que isso quer dizer na cultura beninense?

IS - Mas, são aqueles que são descendentes dos brasileiros, eles são considerados como brancos.

MG - E como isso se traduz, essa maneira de considerá-los como brancos? Eles são diferentes das pessoas na vida, assim? As pessoas do povo?

IS - Sim, é grande mesmo, eles têm no passado certa riqueza. Eram ricos, pois eles tinham fazendas, eles tinham suas explorações agrícolas, eles tinham escravos, eles faziam trabalhar, eram eles que enviavam as crianças para a escola, etc. Bom, mas (???)⁴, eles receberam algo a mais que os outros. Quando falamos de agudás, são os afro-brasileiros. Que eles sejam descendentes de colono português com escravas africanas ou que eles tenham sido simplesmente escravos de portugueses instalados no Brasil.

MG - Que retornaram.

IS - Eles voltaram para cá.

³ Pontos de interrogação do manuscrito.

⁴ Idem.

MG - Vocês são quantos bispos aqui no Benim.

IS - Atualmente tem nove dioceses.

MG - Nove dioceses, das quais dois bispos brasileiros. Dois bispos agudás, é mesmo assim uma boa marca, hein? Porque tem origens de línguas diversas aqui, e têm dois bispos agudás.

IS - Aquele de Kandi, Monsenhor Agboton, ele é de Souza, do lado de sua mãe.

MG - É um primo do senhor, isso faz três, trinta por cento.

IS - Sastre tem certas ligações com a família.

MG - E mesmo no livro da Sra. Simone, ele é, a família Sastre é apresentada como família aliada da família Souza. Monsenhor, eu parti lá no templo da família Souza, de Dagoum, e eu perguntei se os De Souza iam lá. Disseram: “Sim, mesmo o Monsenhor vem de tempos em tempos”.

IS - Ele inventa histórias. O senhor vê, eu nunca vi [esse templo] e os De Souza, a princípio, não têm costumes africanos, são os costumes que foram importados pela aliança com o rei de Abomé, ou pela aliança com famílias africanas, de esposas.

MG - Mas não podemos esquecer que Dom Francisco ele não era um português, era um brasileiro, um baiano, um filho de uma indígena, e ele tinha trazido toda essa mistura, essa complicação, da Bahia. Sua mãe era uma índia da Amazônia. Segundo o que dizem, não podemos provar isso, não temos a foto. Mas dizem isso.

IS - Mas seu pai, era bem um colono português instalado no Brasil.

MG - Seu pai era português e sua mãe brasileira e dizem mesmo que seu pai era neto de um governador do Brasil. Ele era vice-rei do Brasil, mas isso também não se pode provar. Dizem, na Bahia. As coisas se sobrepõem, elas estão imbricadas.

IS - Já nesse tempo aí, tinha um sincretismo entre o cristianismo e o vodu.

MG - Tinha séculos de presença africana na cidade da Bahia, 80% da população era africana nesse momento aí, onde ele nasceu. Mas o sincretismo já existia na época, as pessoas iam à missa, e faziam uma pouco de Fã do lado.

IS - Para mim, é isso o sincretismo, a mistura.

MG - É isso. Quando dizemos assim, não é uma mistura, por exemplo, São Jorge representa Ogum, então, aí, tem um sincretismo, mas às vezes fazemos os dois ao mesmo tempo, o senhor compreende? Minha mãe, ela é católica perfeita, mas acontece de ela perguntar alguma coisa ao Fã.

IS - Isso se compreende porque não teve uma evangelização dos escravos. Bom. Mas teve uma interdição da prática da religião deles. E eles outros, como são gente que são

mesmo assim um pouco inteligentes, eles veem a religião do patrão deles e fazem analogias. E sob o culto de certo santo, os outros continuaram a celebrar tal vodu. É isso o sincretismo. Eles não podiam oficialmente fazer isso, então, eles carregaram aquilo neles. E eles faziam, eles continuavam a religião tradicional deles, tentando acobertar com um culto de um santo que teria algumas analogias com o vodu deles. São Cosme e Damião [por exemplo].

MG - Sim, mas aqui, tem uma analogia de São Cosme e Damião, mas ainda tem essa analogia? Eu procuro em toda parte e eu não encontro.

IS - Os gêmeos, o santo deles patrão é São Cosme e Damião.

MG - Mas, sim, eu fui ver a festa deles em Uidá, mas não tem São Cosme e Damião, ela desapareceu.

IS - Mas entre os cristãos, eles continuam.

MG - No Brasil também.

IS - Mas aqui, não tinha essa dificuldade de praticar a religião tradicional. Então, não tinha que se cobrir com manto de São Cosme e Damião, ou o manto de qualquer santo que seja. Era lá que era preciso cobrir.

MG - Então, esse padre de Dagoum, ele inventou histórias.

IS - Eu sou mesmo incapaz de dizer ao senhor onde ele se situa em Singbomey.

MG - Não, não é em Singbomey, é em face.

IS - Eu não sei.

MG - Mas o senhor está em Uidá, mesmo assim.

IS - Sim, mas há doze anos eu fui ao seminário. E na minha casa, na minha família, não. Na minha família materna, tem o culto vodu. E minha mãe só foi batizada em 1936. Então, foi depois de ter feito todos os seus filhos e seu *paenon* [?] ⁵ Aghessi, quer dizer que é alguém que casou com um vodu. E meu avô materno era um grande [?] ⁶, que é de Sogbadji, em Uidá, então, é uma família pagã. (???) ⁷ pois que eu estava na casa do meu pai. Então, eu não conheço quase nada. Foi preciso, uma vez, no grande seminário, que eu fizesse enquetes para saber o que eu sabia do vodu. De outra forma, eu não conheço o canto. Se não conhecemos o canto, como podemos conhecer o vodu? Os louvores, as bênçãos, tudo isso eu não conheço. Foi preciso uma vez, no seminário que eu fizesse enquetes para saber o que é.

MG - Ah, sim, eu vejo.

⁵ Palavra sem tradução.

⁶ Caligrafia incompreensível.

⁷ Pontos de interrogação do manuscrito.

IS - E me dizem: “Você é agudá, você é branco, branco, e você continua (???)⁸. Basta disso. Mas, isso é suficiente. Eu não sei se eu disse isso naquele dia. Nós somos todos livres agora, se tem membros que se acham escravos de, que eles se considerem hoje como livres.

MG - Sim, quando o senhor diz isso, eu digo: “Ah, então Monsenhor sabe dos laços não de escravidão, mas de dependência, etc”.

IS - Tem mesmo laços de escravidão.

MG - Mesmo hoje.

IS - Não hoje, mas no passado. Hoje acabou. Mas tem algumas vezes discussões ou disputas entre os De Souza. Alguns dizem: “Você não é De Souza, você é escravo dos De Souza. Então, você não é Souza”. Tem besteiras assim.

MG - É nisso que o senhor pensa quando diz acabou.

IS - Sim, acabou. Nós somos todos do mesmo Deus. Então...

MG - A família De Souza, ela é (???)⁹ mais, todo mundo lá e pronto.

IS - (???)¹⁰ isso não tem nenhuma importância. Eu não posso negar um fato histórico. Mas esse fato histórico, nós devemos mudar de mentalidade em relação a ele. Tem alguma coisa de outra que nos une. Por consequência, o que me faz dizer que você é filho de escravo, ou que você é escravo? Quando eu era pequeno, eu não tinha ainda partido ao pré-seminário, eu era estudante. Eu me lembro de uma velha, uma velha avó. Cada vez que ela me encontrava, criança pequena de 10 anos, ela tirava seu lenço, se metia de joelhos para me saudar: “Senhor!”. Isso assombra. Não, agora acabou, é suficiente. Para mim, isso não é alguma coisa que nós devemos nos orgulhar, não. Não. E o que eu não gosto, justamente, o que me chateia nessa herança, que eu não aceito, é ser filho de um escravagista. Alguém que vende escravos. Eu, eu não aprovo. E eu carrego isso como alguma coisa de negativo em minha ascendência.

MG - O senhor sabe que os filhos de Mitô, eles viram a novela brasileira, aquela sobre Senhorita, ou qualquer coisa assim, e então eles acolheram [o nome para] a casa do Mitô, “Fazenda”. E fazenda, é uma grande propriedade onde tinha escravos, etc. E eu perguntei: “Por que Fazenda?”. E eles me disseram: “Aqui estão os patrões, os grandes mestres, e a senzala, é o lugar onde prendiam os escravos. A senzala é lá, perto do bairro Brasil”. E eles disseram: “Ali está, ali é a senzala”. Eu disse: “Ah, bom (???)¹¹?”.

IS - Para mim, acabou. Bom, como história, ok, mas não como algo a perpetuar. O que eu digo aqui, eu não preparei nada, a ideia me veio assim.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

MG - Eu tenho, se o senhor quiser, eu vos envio uma transcrição do sermão. É bem bonito, e é exatamente isso. É a tolerância, é (???)¹². Bom, sou obrigado a vos colocar uma última pergunta. Eu perguntei ao Sr. Prosper de Souza e ao Sr. Honoré o porquê de eleger um Chachá em junho e o fazer entronizar agora. Por que não no ano que vem. E ele me disse que não era a primeira vez que escolhiam um Chachá e o Chachá morria antes de ser entronizado, é por isso que faziam tão rápido. E também, no Benim, disseram que não tem morte natural. (???)¹³. Mas eu, enquanto pesquisador, eu preciso colocar questões.

IS - Não é somente em Uidá, a mentalidade, ao menos no Sul do Daomé, no Sul do Benim, é que nenhuma morte é natural. A única morte natural é aquela de quando envelhecemos, somos velhos, velhos. Nesse momento aí, não dizemos que a pessoa está morta, mas que ela voltou para casa. Quer dizer, o tempo que ela passou aqui se esgotou e ela retornou. Mas um jovem, sua morte não pode ser natural, sua morte não pode ser natural. Porque na concepção que temos da morte, é um acontecimento que é uma vez natural e não natural. Não é natural porque nós amamos a vida, nós queremos viver. Ninguém quer morrer. É a vida que é natural. É o ser vivo que parece ser a coisa, não, que parece ser o ser, que é a plenitude do ser humano. Enquanto que a morte não, ela é um acidente, não é normal que o homem morra. Então, a morte é uma realidade anormal. E essa realidade anormal, é preciso que se ache uma explicação. Isso não pode ter uma explicação unicamente microbiana, somos mortos porque o micróbio... Não, não. Não há só uma causa, uma causalidade viral: “É um vírus”. Não, tem uma causalidade paranatural. Tem outra explicação, assim como a doença é uma pequena morte. A doença não tem somente uma causa biológica, etc., mas tem a intervenção de outro elemento. É por isso que quando vamos ao médico tradicional, antes mesmo de te dar o medicamento, ele começa primeiro por procurar a causa paranatural da doença. Então, frequentemente dizemos que é porque tem uma infidelidade com relação a tal ancestral, ou um orgulho, ou em relação ao vodu. Se você quer se curar, é preciso que você repare essa infidelidade vis-à-vis do ancestral, do vodu, de Deus, por um sacrifício. É preciso fazer um sacrifício e para poder determinar isso utilizamos o Ifá, o oráculo divinatório, etc. E é quando ele é utilizado e descobre-se a razão, a causa paranatural, e que se satisfaz a reparação que se impõe, só depois disso ele vai dar os medicamentos. Então, é preciso sempre buscar uma causa e, para a morte, pode ser a feitiçaria, são os feiticeiros, isso pode ser um envenenamento, isso pode ser um malefício, uma praga rogada, etc. Não é nunca natural. Então, procuramos sempre ver quem, digo, não, quem poderá dizer que é fulano ou beltrano. E por que queremos sempre que são as mulheres que matam seus maridos e não o contrário? O senhor vê, são coisas assim que precisariam evoluir se queremos sair de certo obscurantismo. E eu acho que está ligado a todos os homens. Quando lemos o Antigo Testamento, tudo isso está lá dentro. E em todos os povos é a feitiçaria por todo lado. Na Idade Média, no tempo de Jesus Cristo.

MG - Sim, sempre.

¹² Idem.

¹³ Idem.

IS - (???)¹⁴

MG - A ciência avança, o campo da feitiçaria é pequeno. O que é impossível, [como] vamos saber se todos os Souza que morreram foi por envenenamento? Mas não tem autópsia, tem sempre histórias.

IS - E atualmente todas as pesquisas dos americanos sobre a parapsicologia. É outra realidade, [a parapsicologia] atualmente é um objeto de ciência por lá. Enquanto que nos taxam de obscurantistas, etc. É a mesma coisa. Ironicamente, tem muitas coisas da parapsicologia que se assemelham a isso que falamos.

MG - Sim, sem dúvida.

IS - Hoje, no mundo, no Ocidente, ou no mundo das ciências, você vai à Lua, no espaço interplanetário, etc. [Mas] você tem comportamentos que se assemelham ao comportamento das pessoas que não sabem nada. Quando pessoas vêm procurar entre nós os *marabouts* [feiticeiros], para que eles façam malefícios, etc... Nós temos esse desenvolvimento enorme da ciência, da capacidade do homem, e ao lado disso, temos fenômenos que desafiam toda inteligência. O senhor vê como o exorcismo volta à moda hoje em dia? Enquanto que você vai dizer: “O exorcismo, isso acabou!”. (???)¹⁵. Nos filmes de hoje o exorcismo voltou à moda. Os exorcistas hoje voltaram na Europa.

MG - Mostra-se isso?

IS - Claro.

MG - Eu acreditava que passava ao lado da hierarquia da Igreja.

IS - Não, eu dei, é uma função, eu designei dois padres da diocese que nomeei exorcistas.

MG - É preciso fazer uma formação para isso?

IS - Que formação outra que a reza?

MG - Para isso já há uma formação.

IS - É preciso rezar, tem fórmulas de reza para o exorcista.

MG - É preciso rezar, enfim.

IS - Sim.

MG - Eu não sabia.

IS - Se o senhor vai à Paris, ou vai à Nova Iorque, você pode perguntar qual o padre, o exorcista da diocese, quem é? Vão te dizer. Se o bispo nomeou alguém.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

MG - (???)¹⁶. Monsenhor De Souza, eu agradeço ao senhor.

¹⁶ Idem.